

FICHA DE HISTÓRIA – 10º ANO

Fonte A – A sociedade feudal

A sociedade dos fiéis forma um corpo, mas o Estado compreende três.

(...) A cidade de Deus, que nós julgamos una, está pois dividida em três ordens: uns e outros combatem, outros, enfim, trabalham. Estas três ordens coexistem e não se podem separar; o serviço de cada uma delas é indispensável às outras duas.

Carta do Bispo Adalbéron ao rei Roberto-o-Pio (século XI)

Fonte B – O rei num reino feudal

O rei já só tem de rei o nome e a coroa... não é capaz de defender os seus bispos, nem os outros súbditos, dos perigos que os ameaçam. Por isso, uns e outros vão, de mãos postas, servir os grandes e assim alcançam a paz.” É este o quadro que, cerca de 1016, um prelado alemão traçava da anarquia no reino da Borgonha.

Marc Bloch, A Sociedade Feudal

Fonte E – Crítica à II Cruzada (1147) – cronista anónimo

Deus permitiu que a Igreja Ocidental, devido aos seus pecados, fosse derrubada. Surgiram então, na verdade, certos pseudopropetas [...], que seduziram os cristãos com palavras vãs, compelindo toda a casta de homens, por uma vã pregação, a ir contra os Sarracenos, a fim de libertar Jerusalém. A pregação destes homens foi tão grandemente influenciadora que os habitantes de quase todas as regiões, por unanimidade de votos, se ofereceram espontaneamente para a comum destruição. E não apenas homens da plebe, mas também reis, duques, marqueses e outros poderosos deste mundo, acreditando que prestavam assim serviço a Deus. Os bispos, arcebispos, abades e outros ministros e prelados da Igreja uniram-se neste mesmo erro, precipitando-se nele com grande perigo de corpos e almas. [...]

Porém, as intenções destas várias pessoas eram diferentes. Algumas, na realidade, ávidas de novidades, iam, para saber coisas novas sobre as terras. Outras eram levadas pela pobreza, por estarem em situação difícil na sua casa; estes homens foram para combater, não apenas os inimigos da Cruz de Cristo, mas mesmo os amigos do nome cristão, onde quer que vissem a oportunidade de aliviar a sua pobreza. Houve os que estavam oprimidos por dívidas para com outros, ou que desejavam fugir ao serviço devido aos seus senhores, ou que estavam mesmo esperando o castigo merecido pelas suas infâmias. Estes homens, simulando ter zelo para com Deus, esforçaram-se sobretudo por escapar à incomodidade de tantas preocupações. Só com dificuldade se poderão encontrar uns poucos que não tenham dobrado os joelhos a Baal, que tenham sido orientados por um saudável e santo propósito e inflamados pelo amor da divina majestade a combater ardentemente e mesmo a derramar o seu sangue pelo Santíssimo. [...]

Fonte F – O aparecimento de um “burgo novo”: Bruges

[...] com a continuação, para satisfazer as faltas e necessidades dos da fortaleza, começaram a afluir diante da porta, junto da saída do castelo, negociantes, ou sejam, mercadores de artigos custosos, em seguida taberneiros, depois hospedeiros para a alimentação e albergue dos que mantinham negócios com o senhor, muitas vezes presente, e dos que construía casas e preparavam albergarias para as pessoas que não eram admitidas no interior da praça. O seu dito era: «vamos à ponte». Os habitantes de tal maneira se agarraram ao local que em breve aí nasceu uma cidade importante que ainda hoje conserva o seu nome vulgar de ponte, porque brugghe significa ponte em linguagem vulgar.

Fonte G – Carta de feira de Murça

Dom Dinis pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve a quantos esta carta virem faço saber que eu mando e outorgo aos povoadores de Murça que façam na dita vila de Murça [...] de guisa que não se faça nos dias em que os de Mirandela e de Vila Boa e de Montenegro e de Chaves fizerem essas feiras. E dure essa feira de Murça dois dias cada mês. E mando que todos aqueles que vierem a essa feira por razão de vender ou de comprar sejam seguros da ida e da vinda e não sejam penhorados na feira em esses dois dias que ela durar por nenhuma dívida que devam, salvo por dívida que for feita na dita feira. E mando e defendo que nenhum nome seja usado que faça mal nem força nem embargo na dita feira nem aqueles que a ela vierem, que aqueles que ainda o fizesse peitaria a mim [...] seis mil soldos e corrigiria a eles em dobro o mal ou a força que lhes fizesse. E por tal que ninguém tema de vir a essa feira. Dei esta carta a esses povoadores de Murça. Em testemunho dada em Lisboa, XVIII dias d' Abril, El-Rei o mandou, Francisco Eanes a fez, era de MCCC e quarenta e dois anos.

Chancelaria de D. Dinis, livro 3

Fonte I – A guerra

Acabámos de ouvir por narrações cheias de grande compaixão que em certas partes da França, (...) por causa das guerras que (...) causaram estragos ainda há pouco, os habitantes foram oprimidos ao mais alto grau pelos incêndios, as pilhagens, os roubos e os saques.

Georges Daumet, Benoit XII (1334-1342)

Fonte J - Do Islão ao Cristianismo na Península Ibérica

O domínio islâmico conseguiu generalizar-se na Península Ibérica a partir de 711, mas não se afirmou durante muito tempo nos territórios montanhosos a norte do Douro. (...) tinha-se aí formado desde 718 um embrionário reino das Astúrias sob a direcção de Pelágio. (...) Alguns senhores visigodos que não haviam aceite ou negociado a rendição (...) fugiram também para as Astúrias engrossando a resistência cristã. Foi a partir desse núcleo, também conhecido desde inícios do século IX por reino de Oviedo e um século depois por Leão, que partiu um amplo mas irregular movimento político e militar de carácter expansionista denominado Reconquista. Em Portugal ele seria apenas concluído em 1249.

A palavra Reconquista, apesar do seu uso já tradicional, não traduz da forma mais ajustada o processo de lutas que esteve na base da formação dos vários reinos cristãos da Península. Se é certo que as terras foram ficando sob o domínio de uma aristocracia militar e de dirigentes religiosos, tornando de novo dominante o cristianismo, a verdade é que a organização política global que foi surgindo era bastante diferenciada da que existia em 711.

José Manuel Garcia, *História de Portugal – uma visão global*

Fonte H – A fome e a peste

Na era de 1370 [1332] aos nove dias andados do mês de Maio foi o eclipse do Sol (...). Na era de 1371 foi tão mau ano por todo Portugal, que andou o alqueire de trigo a 21 ceitis, e alqueire de milho a 13 ceitis, e o centeio a 16 pela medida coimbrã (...) e bem assim foi minguado o ano de todos os frutos, porque se a gente havia de manter em esse ano, morreram muitas gentes de fome (...). E tantos foram os passados, que foram soterrados em os adros das igrejas, que não cabiam em eles (...) e deitavam nas covas quatro a quatro e seis a seis (...).

Na era de 1386 [1348] por São Miguel de Setembro se começou esta pestilência, foi grande mortandade pelo mundo assim que igualmente morreram as duas partes das gentes. Esta mortandade durava (...) por espaço de três meses, e as mais das doenças eram levações [inchaços], que tinham nas virilhas, e sob os braços.

Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra

Fonte K – Doação de uma honra

Em nome de Deus, ámen. Saibam quantos esta carta virem como eu D. Dinis, pela graça de Deus, rei de Portugal e do Algarve, em conjunto com a rainha D. Isabel, minha mulher e com o infante D. Afonso, nosso primeiro filho, (...) de minha livre vontade dou e outorgo a vós João Afonso, meu filho, por direito de herdamento para todo o sempre, a aldeia do Outeiro de Miranda, a de Vila Verde de Bragança, a de Vilarelhos da terra de Valariça e a dos Cortiços e de Cernadela, que estão na terra de Ledras, com todos os seus termos novos e velhos, arroteados e por arrotear, montes, fontes, pastos, (...) e com portagem, voz e coima (...) e com todos os direitos reais que eu aí tenho (...). E mando que as tendais livres e isentas (...) de todo o foro (...). E os vossos filhos legítimos e aqueles que de vós descenderem livremente em linha directa as tenham e possuam para todo o sempre livremente. E se porventura vós (...) ou aqueles que de vós descenderem livremente em linha directa morrerem sem filhos legítimos, a sobredita terra com todos os seus termos e pertenças e com todos os seus melhoramentos torne-se à Coroa do Reino livremente sem embargo nenhum. (...) E se alguns dos meus sucessores ou outros, (...) esta minha doação quiserem embargar (...) hajam a ira e maldição de Deus e de Santa Maria e de toda a corte celestial e a minha para todo o sempre. E os que esta doação respeitarem e cumprirem sejam cobertos de toda a bênção. E para esta minha doação ser mais firme e não ser posta em dúvida, dou esta minha carta ao dito João Afonso selada de meu selo de chumbo. Dada em Vila Franca, dezanove dias de Março, el-rei o mandou, Bartolomeu Peres a fez. Era de mil trezentos e cinquenta e um [1313].

Inquirições Dionisinas

Fonte M – Os abusos da nobreza

As histórias do desenfreamento da fidalguia no tempo de D. Sancho II, mais do que em nenhum reinado, são aí [nas Inquirições] multiplicadas bem como as da cobiça e prepotência do clero (...):

Estêvão Peres de Molnes, senhor de uma honra no julgado de Faria, no lugar de Carcavelos, prendeu um mordomo que entrara a cobrar os direitos reais numa parte do lugar, o qual Estêvão Peres usurpara à coroa, e, levando-o preso, mostrava-lhe por onde ele a seu bel-prazer tinha marcado os limites da honra e dizia-lhe: "Cá, por aqui, é honra!" Depois enforcou-o. A um porteiro que se atreveu a fazer aí penhora cortou as mãos e matou-o depois. (*Inquirições de D. Dinis, L. I, f. 75*).

Alexandre Herculano, *História de Portugal*

Fonte L - Honra por amádigo

Disse que há aí um casal de Oia e soía [costumava] peitar [pagar] voz e coima e ir à anúduva e agora moram aí três homens e não dão nem migalha ao rei de quanto soíam dar, porque criaram aí a filha de Lourenço Anes de Cerveira e por razão desta criança fizeram aí honra.

Inquirições de 1288-1290

Fonte N – Clero

(...) os monges e os sacerdotes desempenhavam outra função social, ocupavam-se de outras tarefas, não traziam armas, exerciam outro tipo de poder. (...) o clero não se pode confundir com uma classe social. Tanto fazem parte dele os bispos e abades, que são efectivamente "senhores", quer pelos seus poderes, quer, muitas vezes, pelo sangue (pois a maioria é nobre por nascimento), como os párocos e os monges, que vivem modesta e até pobremente.

José Mattoso (direcção) *História de Portugal*

Questões:

1. Com base na **fonte A** responde:
 - a) Como se explica que a sociedade dos fiéis forme um corpo e o Estado compreenda três?
 - b) Como poderemos denominar esta sociedade?
 - c) Quais são as ordens em que se divide a cidade de Deus?
 - d) O que faz cada uma delas?
 - e) Por que razão não se podem separar?
2. Explica a frase da **fonte B**: *O rei já só tem de rei o nome e a coroa...*
3. Que condições são estabelecidas para se ser burguês na comuna de Arras? (**fonte C**)
4. Comparando as **fontes D e E**, consideras que as críticas do autor da fonte **E** fazem sentido? Justifica.
5. Por que foi um erro, segundo o cronista anónimo (**fonte E**), convocar e realizar as cruzadas?
6. Quais foram os verdadeiros motivos que levaram toda a casta de homens a irem contra os Sarracenos (**fonte E**)?
7. A partir da fonte **F** explica como se desenvolvem os novos burgos.
8. Quais os benefícios outorgados por D. Dinis a quem se deslocar à feira de Murça “por razão de vender ou de comprar” (**fonte G**)?
9. Que razões levavam o rei a conceder tais benefícios? (**fonte G**)
10. Com base nas **fontes F e G** e nos teus conhecimentos, diz quais os mecanismos que favoreceram o crescimento económico europeu, nos séculos XIII e XIV.
11. Com base nas **fontes H e I** diz:
 - a. Quais foram as causas da “grande mortandade pelo mundo” no século XIV?
 - b. Como se nota a grande dependência da economia agrária relativamente aos fenómenos naturais?
 - c. Transcreve a parte do texto que denota a força das superstições no período medieval.
12. Como caracteriza o autor da fonte **J** a Reconquista?
13. Quais são as características da fonte **K** que nos levam a classificá-la como uma carta de doação de uma honra?
14. De que forma as **fontes L e M** denunciam abusos da nobreza quanto à propriedade?
15. Justifica a frase da fonte **N** “o clero não se pode confundir com uma classe social”.

Bom trabalho!